

**ESTUDO SOBRE O SILÊNCIO NO ESPORTE:
COLABORAÇÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE**

parte I

Desde os primórdios dos tempos temos ciência de que toda nossa existência é pautada em aproximação com nossos semelhantes, seja uma aproximação física, corporal, ou uma aproximação gestual por meio de um olhar ou mesmo uma palavra. Garantir uma relação agradável e sensível, com todas suas modulações, esteve sempre a requerer que estivéssemos próximos, visíveis e falantes, diferentemente do atual contexto e do momento histórico contemporâneo. Somos considerados sujeitos sociais, pois nos relacionamos com o mundo por meio do contínuo contato com o outro. Ainda que em silêncio.

Quando consideramos que as relações interpessoais são processos reflexivos e que apresentam como premissa a intensa troca de conhecimento, ou seja, a partir do convívio entre os indivíduos, na presença do outro, os sujeitos possam interagir, trocar informações que promovem a comunicação e, dependendo do tipo de relação e de contexto, esta comunicação será mais acalorada ou menos intensa (BERNARD, 2017).

Pensando no contexto esportivo, a comunicação é vital para que se atinja o resultado esperado nos treinamentos ou nas longas temporadas de aprendizado. Professores e técnicos esportivos buscam transmitir seus conhecimentos e retroalimentar seus liderados de modo que cada palavra, gesto ou silêncio tenha um significado interativo e uma comunicação eficiente ao ponto de promover a união do grupo (BROHM, 2015), a perseguição aos objetivos e a avaliação do conjunto de elementos que promoveu aquela interseção.

Quando pensamos na interação necessária para que o momento esportivo aconteça, temos estes dois personagens agindo num equilíbrio quase perfeito, favorecendo uma fala e uma escuta sincronizada e orquestradamente organizada, diante das necessidades e direcionamentos previstos na prática da modalidades, seja ela individual ou coletiva, com discursos e silêncios compatíveis com o contexto criado ou pré-existente (LIMA FILHO, 2017).

Vale a premissa de que nem sempre o emissor é aquele que exerce função ou posição de liderança, em especial no contexto esportivo, quando

qualquer um dos atletas ou aluno do grupo emite um sinal sonoro que altera toda a conduta da equipe. Muitas são às vezes em que apenas um assobio ou um olhar (sem um único som) muda o ritmo das jogadas ou altera o sistema tático da equipe; tais acontecimentos atendem às necessidades do momento esportivo e são comuns, neste cenário, ainda que pouco estudados.

Muito usual a proposta de ensinamentos por meio de preleções e orientações expositivas, mas é inegável que muitas das ênfases dadas no processo interacional ocorrem em sintonia com silêncios, com sons apenas balbuciados, sem que haja a formulação de uma só palavra. Desta maneira temos uma troca de informações que se completa com olhares, gestos, sorrisos, caras feias e palavras não ditas, que assumem uma força de diálogo consensual. Apenas um movimento do corpo é suficiente para a informação ser clara, precisa e ter a força para mudanças e tomadas de decisão.

Os estudiosos do contexto esportivo sabem que, durante uma partida, um simples grito da torcida ou um som diferente na arquibancada consegue incendiar o momento esportivo, promovendo um conjunto de ações táticas que fora orquestrada pelos torcedores do exterior para o interior da arena, confirmando a comunicação entre os sistemas que articulam o funcionamento daquela modalidade. Percebemos que grandes equipes trazem para seus jogos várias torcidas organizadas, mas é evidente que existe certa interferência de uma em relação as outras e destas em relação a equipe, como se o jogo fosse orquestrado de fora para dentro do campo.

Esse processo de transmissão de informações pode ocorrer de diferentes maneiras, considerando-se as formas verbais e não-verbais de expressão, conforme ensinam as teorias de comunicação (BERNARD, 2017; FERREIRA, 2019). Há sempre espaço para as duas formas e elas surgem sempre em função do contexto, da situação e do assunto a ser manifestado. Claro está que cada proposta de transmissão e recepção envolve um canal emocional a ser avaliado de forma personalizada, vista a natureza das pessoas envolvidas e o tema.

No contexto esportivo, em especial, a comunicação não-verbal é demasiadamente usada e suscita olhares de especulação e até treinamento, de modo a fortalecer tal recurso para promover as relações interpessoais. Assim, nem tudo é para ser falado, tanto que muitas emoções são negligenciadas ou omitidas, para não explicitar alguns estados emocionais que poderiam despertar

olhares de dúvidas ou de afrontas, situações não bem entendidas no contexto. Como explicar, por exemplo, a raiva que o atleta sente do técnico ao ter que obedecer a suas orientações e não atingir a meta supostamente proposta? Ou como encarar o adversário, após sofrer o ponto ou o gol, que culminaria com a derrota, sem expressar no olhar o orgulho ferido, o abatimento, a ira ou o silêncio como estratégia de comunicação?

Diante de todos os aspectos da comunicação, temos que o silêncio atende a uma forma de manifestação bastante conhecida: ele é usado quando não se quer desvendar segredos ou particularidades, ou ainda, expressar desprezo, desatenção, ignorando o outro; o silêncio me possibilita recusar a me comunicar verbalmente, num ato de preservação pessoal. Porém, coloca o interlocutor numa emissão silenciosa de algo que lhe pertence ou que apenas ele tenha conhecimento, ainda que todos possam perceber sua expressão. O silêncio é enigmático e atende às propostas de ampliação da potência da palavra ou à pausa da conversação.

Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

REFERÊNCIAS

- BERNARD, M. **L'expressivité du corps**. Paris: J-P. Delarge, 2017.
BROHM, J-M. **Critiques du sport**. Paris: Christian Bourgois, 2015.
LIMA FILHO, A.P.. Quando o silêncio aprisiona. **Boletim de Psicologia**, 57(126), 77-87, 2017.
FERREIRA, J.B. Palavras do Silêncio. **Cadernos de Psicanálise**, 31(22): p 13-36, 2019.

Afonso Antonio Machado é docente e coordenador do LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte, da UNESP. Mestre e Doutor pela UNICAMP, livre docente em Psicologia do Esporte, pela UNESP, graduado em Psicologia, editor chefe do Brazilian Journal of Sport Psychology. Aluno da FATI.